

BIENVENIDOS



BIENVENIDOS

HISTÓRIA DE BOLIVIANOS ESCRAVIZADOS EM SÃO PAULO

SUSANA BERBERT



© Moinhos, 2018.

© Susana Berbert, 2018.

Edição:

Camila Araujo & Nathan Matos

Assistente Editorial:

Sérgio Ricardo

Revisão:

LiteraturaBr Editorial

Diagramação e Projeto Gráfico:

LiteraturaBr Editorial

Capa:

Luís Otávio

1ª edição, Belo Horizonte, 2018.

Nesta edição, respeitou-se o novo

Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

B482b

Berbert, Susana

Bienvenidos: história de bolivianos escravizados em São Paulo

ISBN 978-85-92579-85-2

CDD

Índices para catálogo sistemático

1. Ensaio 2. História 3. Bolivianos escravizados 4. Escravidão

I. Título

Belo Horizonte:

Editora Moinhos

2018 | p. 142 ; 21 cm

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Moinhos

editoramoinhos.com.br

contato@editoramoinhos.com.br

Prefácio

A crise que atingiu a mídia impressa no Brasil, a partir dos anos 1980, quando os computadores começaram a ser instalados nas redações de jornais e revistas, provocou mudanças que vêm se aprofundando ano a ano.

As transformações ocorridas nesse tempo não se limitam aos aspectos técnicos, que podem ser considerados revolucionários e atingem dramaticamente o exercício da profissão. O modo de fazer jornalismo alterou-se principalmente em função de medidas que têm a ver mais com a chamada reengenharia que mexeu com as empresas em todo o mundo – e não apenas as jornalísticas – ao promover o enxugamento da mão de obra especializada. Tratava-se do avanço da Globalização, que promovia enxugamento embaixo para acumular cada vez mais em cima.

O enxugamento foi arrancando das redações os profissionais que iam buscar notícias onde de fato elas aconteciam. Nas redações ficaram, em sua maioria, seres bem comportados que se revezam entre a tela do computador e o telefone. Foi aí que passaram a dizer que a reportagem acabou. Mas não, o que vem sendo cada vez mais reduzido é o espaço para a reportagem, e mesmo para a notícia bem apurada, verdadeira, o que garante a informação a que o leitor tem direito e a credibilidade que, historicamente, é a base de sustentação do jornalismo.

Na verdade, a reportagem não acabou; está quase sumida das páginas de jornais, revistas, telas da televisão, mas permaneceu em outras plataformas. A principal é o livro-reportagem, que passou a ser item importante nos regulamentos dos principais prêmios literários do país e a preencher cada

vez mais espaço nos catálogos das editoras. No desdobramento da crise e o estreitamento cada vez maior das portas do mercado, jornalistas de renome passaram a ocupar as páginas de livros. Em alguns casos, recentes, profissionais que ocupavam altos cargos em redações de jornais e revistas demitiram-se para ingressar no mercado do livro, no qual já brilhavam algumas estrelas. Alguns vivem exclusivamente dos livros que escrevem.

Evidentemente, o livro-reportagem não é a salvação da lavoura para as grandes levadas que as faculdades de jornalismo despejam anualmente num mercado cada vez mais estreito. Mas o fato é que muitos novos profissionais buscam esse caminho enquanto tentam se equilibrar no dia a dia das redações, cumprindo pautas exaustivas por telefone, e outras atividades. Produzindo livros-reportagens, talvez...

São comuns, hoje, os casos de estudantes de jornalismo que escolhem como trabalho de conclusão de curso a produção de livros-reportagens. Alguns deixam claro, nesses trabalhos, o quanto de importante os grandes veículos estão perdendo com a política suicida que praticam de, por economia, confinar seus profissionais nas redações, ouvindo por telefone as informações que deviam buscar nas ruas, ou seja, indo ao encontro dos fatos onde eles acontecem.

A autora deste livro, Susana Berbert, não foi apenas a encontro dos fatos; neles se envolveu profundamente, conviveu com personagens que podiam habitar um romance, e que estão aí, vivos e bulindo em meio a uma tragédia que o mundo oficial prefere ignorar.

Susana escreve sobre um tema que os leitores dos grandes jornais conhecem apenas pelas beiradas – o da exploração vil a que são submetidos seres humanos em oficinas de confecção de roupas instaladas na cidade de São Paulo e em outras do Estado. No noticiário aparecem, aqui e ali, referências ao que se denomina “condições análogas à escravidão” E, às ve-

zes, os nomes das empresas de moda que contratam os produtos fabricados pelas oficinas das quais saem com etiquetas de grifes conhecidas. Isso indica que a máquina de exploração funciona também no exterior, em países do chamado Terceiro Mundo, onde competem em busca de mão de obra barata. Raramente a mão do Estado alcança a rede de exploração que se sobrepõe às leis.

Susana Berbert classifica seu trabalho como “romance de não ficção”, o que para muita gente pode soar estranho. Trata-se de uma técnica narrativa que junta jornalismo e literatura, surgida com o movimento chamado de “Novo Jornalismo”, nos anos 1960, nos Estados Unidos. Grandes nomes da literatura e do jornalismo participaram desse movimento: Norman Mailer, Tom Wolfe, Gay Talese e muitos outros, como Truman Capote, que escreveu um romance de mestre, mas que é também uma magnífica reportagem – *A sangue frio* –, a história de uma família assassinada numa aldeia perdida do Oeste americano.

Este livro não apresenta, a rigor, a estrutura de um romance. A autora apresenta seus personagens em blocos, quase como se fossem autônomos, mas fornece ao leitor tudo aquilo que caracteriza uma grande reportagem: a informação, a verdade dos fatos. Nesse sentido, escapa da tentação da literatice, como acontece com muitos autores que praticam o chamado jornalismo literário, confundindo texto bonitinho, rebuscado, com texto bem escrito, enquanto deixam de lado a informação.

Já na introdução de seu livro, intitulado *Bienvenidos – História de bolivianos escravizados em São Paulo* – Susana Berbert fornece ao leitor informação essencial sobre o tema que escolheu, a saga dos imigrantes bolivianos escravizados em oficinas de costura de São Paulo, oferece em poucas linhas os números da tragédia que se desenrola não só aqui, nem apenas no setor de confecções. “A escravidão moderna

– escreve – atinge hoje 45, 8 milhões de pessoas em todo o mundo, segundo relatório do Índice de Escravidão Global 2016 da Fundação Walk Free.” Só no Brasil há 161 mil pessoas consideradas escravizadas. “Quase nunca há nomes, rostos, histórias”, escreve Susana. Os meios de comunicação passam ao largo do assunto.

Números, rostos e histórias, estão aqui reunidos. O romance se divide em dois planos, no sentido geográfico e cultural. Susana foi buscar Silveria, a protagonista de seu livro, no Altiplano boliviano, entre migrantes que fervilham na periferia de cidades grandes, vindos do campo, onde são secularmente explorados. Nas alturas andinas, milhares de criaturas sonham com as terras baixas do Brasil onde esperam encontrar oportunidade de uma vida melhor.

Silveria desceu do Altiplano com esse sonho. Ela, como milhares de seus patrícios, fazem há anos essa “descida”, na maioria das vezes aliciados por concidadãos que são agentes de oficinas de confecções ou seus próprios donos, em São Paulo, onde o sonho se transforma em pesadelo.

Bienvenidos conta a história de Silvéria e de milhares de patrícios que sobrevivem no sufoco das oficinas das quais se tornam prisioneiros. Resta dizer que, neste “romance de não ficção”, a jornalista se sobrepõe à literata. O livro é mais descritivo do que, digamos, uma busca de transfiguração de uma tragédia humana. Trata-se um trabalho importante, digno de ser lido. Trabalho de jornalista e de escritor.

*A Silveria,
que me recebeu em sua vida.*



*Não somente essa família de olhos me enternecia, mas ainda
me sentia um tanto envergonhado de nossas garrafas e copos,
maiores que nossa sede.
Charles Baudelaire, Os olhos dos pobres*

*Eu era migrante e tu me acolheste.
Mateus 25:35*



Introdução

Conheci Paula quando eu tinha quatorze anos. Foi a primeira boliviana que me lembro de ter visto. Achava bonito o jeito que ela falava português. Paula era babá de uma criança na cidade em que vivi durante minha infância, Rio Claro, no interior de São Paulo. Ela era imigrante irregular e passou a frequentar a igreja que íamos, localizada no centro do município. Lembro-me de que algum amigo sempre fazia uma brincadeira sobre o fato de ela precisar se esconder quando uma viatura policial passava pela rua ou quando ouvíamos as sirenes, distantes. Paula ria, mas era de um jeito desconfortável. Hoje, recordando, acho que no fundo o que ela tinha era medo. Não me lembro ao certo quanto tempo Paula ficou na cidade, mas me lembro de termos feito uma festa de despedida para ela, quando partiu. Hoje sei que Paula está muito bem, mora no Paraná, é casada com um brasileiro e tem dois filhos, meninos.

Meu encontro com Paula teria sido apenas mais um se eu não tivesse também me encontrado com o jornalismo. E, junto a ele, com o sonho de dar voz aos oprimidos. Durante a execução de pautas relacionadas aos direitos humanos, deparei-me com a temática da escravidão moderna e, nela, descobri o universo de aliciamento e exploração de mão de obra de imigrantes, majoritariamente bolivianos, que existe por trás da indústria de produção de roupas. Lembrei-me de Paula. De sua sorte diferente da de tantos. Daí, quis descobrir outros nomes, outros rostos, outras histórias.

Procurei-as. E foi em 2015, dez anos depois de ter visto uma boliviana pela primeira vez, que conheci Silveria, a protagonista da história que as páginas aqui contam.

Bienvenidos – História de bolivianos escravizados em São Paulo é um romance de não-ficção que conta a vida de uma mulher boliviana, Silveria, que em sua singularidade representa a existência de muitos. Entre sua trajetória particular e o universo mais amplo do qual ela faz parte – migratório e produtivo – o livro traça um perfil do imigrante boliviano explorado em oficinas de costura na capital paulista e revela ao leitor a realidade desumana a qual são submetidos.

Definida pelo controle exacerbado de uma pessoa sobre outra, retirando sua liberdade individual com a intenção de explorá-la, a escravidão moderna atinge hoje 45,8 milhões de pessoas em todo o mundo, segundo relatório do Índice de Escravidão Global 2016, da Fundação Walk Free, sendo que 161,1 mil só no Brasil. Entre as formas de escravidão, destacam-se o trabalho infantil, a exploração sexual, o recrutamento de pessoas para conflitos armados e o trabalho manual forçado em condições degradantes, com extensas jornadas, sob coerção, violência, ameaça ou dívida fraudulenta. Nessa última, encontra-se a exploração exercida no setor de vestuário, localizada principalmente em grandes centros urbanos e industriais. No Brasil, é identificada predominantemente na cidade de São Paulo e atinge uma parcela da população que detém pouca visibilidade e representatividade: imigrantes. Em 2015, um total de 1.010 pessoas foram retiradas de condições análogas à escravidão no país, de acordo com o balanço do Ministério do Trabalho e Previdência Social (MTPS). Em 2016 o número caiu, com 660 resgatados, e em 2017 e diminuição foi ainda maior, com apenas 404 trabalhadores libertos. O número de resgates é o menor desde 2000, devido à diminuição das fiscalizações. Nos últimos 14 anos, a média anual de estabelecimentos fiscalizados foi de 261, mas em 2017 foram realizadas apenas 184 inspeções.

O tema é extremamente importante por abordar um assunto atual e velado da cultura de consumo, que rege as práti-

cas produtivas de empresas voltadas a vestuários. A indústria da moda atua em dois cenários: o do espetáculo, exposto ao público nas vitrines e promotor do desejo e fantasia pelo ato da compra, e a realidade de produção, pautada em práticas obsoletas, com o trabalho a domicílio nos moldes similares aos empregados na Revolução Industrial, caracterizados por um alto grau de exploração e condições insalubres. A manutenção da alta substituição de peças e coleções das grifes e os preços ostentados nas vitrines ocultam a exploração sistêmica que existe por trás desse universo. Encoberto pelo consumo, o tema também é pouco explorado pelos meios comunicacionais, seja por esbarrar em interesses de patrocinadores dos veículos midiáticos, seja por, quando explorado, ser abordado de forma a reafirmar estereótipos e senso comum. Quase nunca há nomes, rostos, histórias. Na narrativa aqui presente, desafiamo-nos a dar ao imigrante uma voz; ao leitor, uma vida a ser conhecida.

É importante salientar que não há uma comunidade boliviana no Brasil que possa ser retratada de forma única e homogênea. Antes, ela é plural e diversa, com traços distintos de acordo com as regiões de origem da Bolívia e histórias particulares que os trazem até aqui. A vida de Silveria, aqui contada, é um recorte dentro dessa pluralidade, recorte este voltado à questão produtiva que envolve o grupo migratório no Brasil. Sua história apresenta características específicas que se repetem na trajetória de inúmeros bolivianos que trabalham nas oficinas de costura em São Paulo e proporciona uma compreensão importante de parte significativa da vida desses imigrantes em nosso país e das relações produtivas que fazem parte.

A literatura e as pesquisas existentes sobre o tema mostram que há um perfil do trabalhador das confecções, aprofundado neste livro campesino, humilde, oriundo principalmente de La Paz, El Alto, Cochabamba, Oruro, Santa Cruz, Beni e

Potosí, que muitas vezes passa pelo êxodo rural antes de chegar ao Brasil, explorado pelos próprios conterrâneos e que ganha emancipação ao abrir o próprio negócio. Ao conhecer Silveria, em outubro de 2015, e ouvir dela sua história, passei a identificar esses e outros traços gerais do tema em seu relato e soube que tinha em minhas mãos uma personagem valiosa. A partir de então, acompanhei sua rotina de trabalho semanalmente por três meses e realizei entrevistas com ela, familiares e empregados da oficina da família. O nome de Silveria é revelado, de acordo com sua autorização, mas os demais personagens da obra tiveram seus nomes alterados para que identidades fossem preservadas.

Ao somar a relação de proximidade com a personagem e o registro de sua história com dados, pesquisas, entrevistas com especialistas, visitas à Missão Paz, conversas com diferentes imigrantes bolivianos e leitura de uma vasta bibliografia, foi possível relacionar a vida particular de uma mulher com um universo mais amplo, que abrange a problemática migratória e produtiva do mundo globalizado.

Com o material em mãos, restava saber como explorá-lo. Na construção do livro, a opção por dar voz a Silveria por meio do romance aconteceu naturalmente. Com os relatos vivos e sempre cheios de detalhes sobre sua vida, Silveria recriava diálogos nas tardes que passávamos juntas, rememorava datas com uma precisão incrível e nunca se contradizia com os fatos contados. Antes, corrigia e reafirmava informações que, às vezes, havia me dado há meses. A mulher de voz frágil, mas fala abundante, que ria e chorava em frase sequenciais, que perdia o fôlego entre um relato e outro e repetia exaustivamente detalhes da história para que eu não me esquecesse do que era importante, possibilitou o desenvolvimento de uma narrativa ainda mais humana e sensível. O desconforto que pode ser provocado pela sensação de confusão da história e sua aparente desordem cronológica são pró-

prios da instabilidade da vida de Silveria e desses imigrantes: reflexos de sua inconstância, de seu não pertencimento a um lugar, de sua trajetória angustiante e imprevisível.

Assim, as impressões aqui registradas, os sentimentos, os cenários, as conversas entre personagens, são resultados de uma imersão na vida retratada, de investigação profunda, de entrevistas exaustivas e observação cuidadosa. São as memórias de uma imigrante. Em cada frase, o livro busca transmitir as palavras de Silveria e o estado de ânimo que a envolvia quando ela as disse. Externar sua personalidade, seus medos, dores, suas esperanças e aquilo que, nela, é alegria. Explicar seus valores e elucidar o contexto de mundo que influenciou sua formação e trajetória de vida. Respeitá-la.

Bienvenidos é uma reportagem que coloca nas mãos de uma mulher, mãe e que um dia foi escravizada, o protagonismo de sua história. Dá a ela o poder de mostrar seu rosto e de dizer seu nome. De reconhecer-se como pessoa que é. Este livro, nas linhas que o formam, nos convida à empatia. A nos colocar no lugar do outro e ver em sua existência vislumbres de nós mesmos. *Bienvenidos* nos convida a conhecer o mundo que a uns acolhe, e a outros, renega. A entender os mecanismos e valores que o regem, a encarar, com muito pesar, o sistema exploratório que proporciona a nós o conforto de nossas vidas. Este livro nos convida a repensar nossas práticas de consumo. A olhar para fora, para aquele que é diferente de nós e, nesse encontro de entrega, relembrarmos o valor da vida humana.

Silveria e eu esperamos que você aceite esse chamado.

